

A croça

As culturas do trabalho *no Barroso*



FICHA TÉCNICA

Projeto de investigação para intervenção museológica *As culturas do trabalho no Barroso*

ENTIDADE RESPONSÁVEL PELO ESTUDO

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro



Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento



Coordenação geral e científica de **Xerardo Pereira**

Textos e fotografias de **Daniela Araújo**

Design de **Dina Fernandes** e **Paulo Reis Santos**

PARCEIROS DO PROJETO – CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE E ECOMUSEU DE BARROSO



FINANCIAMENTO – ON2, CCDR-N E CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE



Montalegre 2012

O Ecomuseu de Barroso

A faculdade da memória é a mais valiosa herança com que Deus dotou o ser humano. Será possível imaginarmos a viver sem ela? Como seria viver sem lembranças?

O que aconteceria?

Toda a nossa força intrínseca, toda a nossa vida consciente deixaria de existir; perdíamos parte da dimensão humana, ou seja, milhões de anos de experiência feita. Aqui se alicerça o conceito de património, na sua dimensão agregadora e de responsabilidade de preservação e valorização. Como se diz em Barroso: “O que recebemos, temos obrigação de deixar igual ou melhor...” Neste sentido, foi criado o Ecomuseu de Barroso que se caracteriza como um espaço aberto, um espaço da povoação, do ordenamento do território, da identidade da população, tendo em atenção os valores do presente, do passado e do futuro. Neste espaço, o visitante converte-se em ator-participante.

O Ecomuseu situa objetos no seu contexto, preserva conhecimentos técnicos e saberes locais, consciencializa e educa acerca dos valores do património cultural. Implica interpretar os diferentes espaços que compõem uma paisagem; permite desenvolver programas de participação popular e contribui para o desenvolvimento da comunidade.

Este projeto de desenvolvimento sustentável tem dado continuidade ao trabalho de pesquisa sistemática, tarefa que permite inventariar a globalidade de património construído do território de Montalegre e Boticas, tendo em

vista a posterior salvaguarda e valorização dos espécimes selecionados pelo seu particular interesse patrimonial e divulgados nos pólos de Salto, Pitões, Tourém, Paredes do Rio e Vilar de Perdizes.

A análise das construções associadas à conservação e à transformação dos produtos tem permitido um melhor conhecimento da arquitetura popular da região, nomeadamente dos canastros, dos moinhos, dos fornos, das fontes, dos pisões e dos lagares, entre outros edifícios de produção agrícola que contribuirão para o reencontro com a identidade cultural local. O Ecomuseu de Barroso é um espaço de memória vocacionado para o desenvolvimento, dando particular destaque ao Património Imaterial de que é prova este trabalho.

Nenhum desenvolvimento poderá ser sustentável, num concelho com mais de oitocentos quilómetros quadrados, se a população local não reconhecer as riquezas do local onde vive, e se não começar a ter dividendos da valorização desses sítios a que alguns chamam património, enquanto outros apenas aí vêem “patrimonos”. Esta nova visão terá implicação no modo de vida da população e na sua forma de encarar o futuro.

David Teixeira, Director do Ecomuseu de Barroso.

O projeto de investigação para intervenção museológica As culturas do trabalho no Barroso, foi desenvolvido pelo Ecomuseu de Barroso em colaboração com a UTAD, através do CETRAD (www.cetrad.info), o Pólo da UTAD em Chaves e a antropóloga Daniela Araújo. A investigação, que se iniciou no mês de junho de 2011 e se prolongou até ao final do mês de março de 2012, teve a orientação científica do antropólogo Xerardo Pereiro – investigador efetivo do CETRAD e docente da UTAD em Chaves.

Os objetivos da investigação centraram-se na análise das culturas do trabalho sobre o Barroso, articulando-se com as linhas de actuação do Ecomuseu de Barroso, uma instituição que tem contribuído, decisivamente, não apenas para “colocar o Barroso no mapa”, mas também para reverter, simbolicamente, a imagem e a realidade desta região “raiana” do Norte de Portugal. Mais importante, ainda, tem sido o papel do Ecomuseu de Barroso na reorganização e articulação das comunidades afirmando a sua cultura como um capital sociocultural importante e útil para viver e criar planos de vida nestas terras do interior.

Entendemos por culturas de trabalho as que se geram nos diferentes processos de trabalho, nomeadamente aquelas que resultam da ocupação de diferentes posições nas relações sociais de produção. E o trabalho de Daniela Araújo tem sido minucioso, rigoroso e extremamente reflexivo e cuidado, fruto não de recolhas, mas de uma etnografia reflexiva de um intenso conviver humano com os seus protagonistas, nos seus quotidianos vivenciais mais familiares. É na observação dos e com os outros

que Daniela Araújo tem construído teorias antropológicas vividas pelos agentes sociais do Barroso. Desta forma, a investigação e os seus resultados ajudam-nos a a construir novos olhares sobre as novas ruralidades .

Longe de ser um exercício de exotização ou primitivização, o trabalho de Daniela Araújo mostra o velho e o novo, as permanências e as transformações, as tradições e as inovações, as localidades e as globalidades, as pluriatividades e as especializações nas formas de trabalhar e produzir no Barroso. Aí reside a sua mais-valia, isto é, a rejeição de um ruralismo exotista para posicionar-se na compreensão das lógicas, conhecimentos e saberes nativos, e o seu valor universalista e global. Pensamos que, com esta investigação e as suas aplicações, o visitante e o residente poderão criar mais facilmente quadros de referência interpretativos e de tradução intercultural que nos ajudem a compreender melhor os sentidos do viver humano.

Xerardo Pereiro, Coordenação geral e científica.

A croça

A croça (figura 1) nasce de um botão e das mãos sábias do Sr. Constantino. Uns meses antes são colhidos os juncos, a matéria prima indispensável para se fazer a peça (figura 2).

O Sr. Constantino era ainda muito jovem quando começou a aprender a fazer croças com o pai e com os irmãos mais velhos, numa época em que o seu uso era generalizado:

Comecei com sete, oito aninhos. Mas, repare, naquela altura quase todo o mundo fazia croças. E depois eu trabalhava melhor do que os outros. E então, lá está, deixaram-me a mim a fazer a croça, porque fazia falta para todos. Também era o que eu queria, em vez de ir trabalhar para o campo! Eu era mais perfeito nesta brincadeira. Antigamente, sabe que não se tinha outro fato. Era para mim e para os meus irmãos e para o meu pai. Para a família. (Constantino, 2-8-2011 e 17-11-2011)



figura 1







figura 3



figura 4



figura 5



figura 6

Os juncos são colhidos nos meses quentes de verão. Em agosto, o Sr. Constantino faz várias incursões ao juncal, sempre ao início da manhã, enquanto a temperatura é ainda amena (figuras 3). Vai munido de um balde com água, de uma pedra de amolar, de uma faca de cozinha e de alguns baraços que servirão para atar as medas de juncos.

Os juncos devem ser cortados pela base (figura 4) e a operação repete-se as vezes necessárias até se ter a quantidade suficiente para fazer as peças programadas para a temporada. Para se executar uma croça são necessárias, no mínimo, 20 medas de juncos (figura 5). Por vezes, é preciso afiar a faca na pedra de amolar para cortar os juncos de forma mais eficiente (figura 6).

Depois de cortados, o Sr. Constantino sacode os juncos aos molhos, fazendo soltar os *cabe-los* apodrecidos e que não terão serventia para o trabalho (figuras 7 e 8).

Quando se atinge a quantidade suficiente de juncos para se fazer uma meda, atam-se as duas extremidades com os baraços (figuras 9, 10 e 11) para mais facilmente poder ser transportada até ao pátio da casa do Sr. Constantino.



figuras 7 e 8



figuras 9, 10 e 11



figura 12

É aqui que se fará uma nova seleção dos juncos, desta vez, mais minuciosa. Desatados os barços, e com redobrada atenção, são excluídos os juncos que estão apodrecidos e que não se soltaram aquando das sacudidelas dadas ainda no juncal (figura 12).



figura 13

Depois, com a mascota, o maço de madeira de cerejeira feito pelo próprio Sr. Constantino, batem-se os juncos na base da planta, numa extensão aproximada de 20 a 30 centímetros (figuras 13 e 14). A base da planta formará a camada exterior da croça, e o *massar* dos juncos permitirá que os mesmos sejam mais facilmente penteados depois da peça estar conluída.



figura 14

A operação seguinte consiste em *delubar* os juncos, isto é, em separar a meda de juncos em *madas* - conjuntos menores - e em enrolar sobre si mesmas essas *madas*, mas apenas na extensão em que foram *massadas*. É uma operação que tem de ser feita com luvas, caso contrário cortam-se as mãos (figura 15)



figura 15

Isto se não é com as luvas está lixado. Vou botando para baixo para saber os que já estão feitos. (Constantino, 4-7-2011)

Depois de todas as *madras* terem sido *massadas* e *delubadas*, são transportadas para um terreno situado nas traseiras da casa do Sr. Constantino para secarem. Só depois de estarem completamente secos é que os juncos podem ser *tricotados* e as croças podem ser construídas. Se os juncos forem usados ainda húmidos, apodrecem. É preciso, portanto, que o sol faça a sua parte. Podem ser apenas 15 dias, se o tempo estiver de feição: quente e seco. Mas, quando os verões são demasiado amenos e *húmidos* é necessário esperar meses antes de se poder iniciar o trabalho (figura 16). Depois de secos, e enquanto não os utiliza, o Sr. Constantino guarda os juncos num anexo da sua casa.



figura 16



figura 17

Sempre pela manhã, começa-se o trabalho. Para se fazer o botão da croça pegam-se nuns quantos juncos. Depois, com os dedos indicadores e polegares de ambas as mãos, o mais juntos possível, torcem-se os juncos, em direções opostas, a partir de um ponto central e o mais apertado que se conseguir, fazendo-se uma corda com os mesmos (figura 17).

Bastam apenas algumas voltas. As suficientes para se prender com os dentes, nesse ponto central, os juncos já torcidos e começar a torcer os dois lados um sobre o outro, ao mesmo tempo que se continua a torcer cada lado sobre si mesmo.



figura 18

Este movimento é feito até se ter um comprimento suficiente para esta corda poder ser torcida sobre si mesma dando um nó. É esse nó que forma o botão da croça, o botão que vai permitir manter o cabeção da croça aconchegado ao pescoço. Na outra ponta desta corda é feita a casa onde entra o botão (figura 18).

Na construção do cabeção da croça, isto é, a parte superior da croça, os dedos de Sr. Constantino lidam, simultaneamente, com quatro conjuntos de juncos. Dois são mais delgados; os outros dois mais grossos. Os mais delgados,

que constituem a corda, são os juncos que originaram o botão da croça e que, no entrançar dos dois conjuntos mais grossos, as mechas, os prendem. As mechas vão sendo incorporadas na corda e assim formarão a *trança* que originará a primeira carreira da croça. Desta primeira carreira, parte a primeira camada da peça que é, também, a mais longa quando vista do exterior (figura 19).



figura 19

Neste processo de articulação entre a corda e as duas mechas, os dedos sábios do Sr. Constantino torcem, apertam e entrançam juncos do botão até à casa, num processo longo e minucioso. O Sr. Constantino tem as mãos treinadas. Não conta os juncos de cada vez que introduz uma nova mecha na trança. Nas pontas dos dedos, sente que aquela é a grossura adequada. Quando era criança, os irmãos chegavam-lhe os juncos e ele só tinha que se preocupar em verificar se era a quantidade certa e em tecê-los.

Em cada mecha que é incorporada, uma parte fica voltada para dentro; formará o *pano* ou forro da croça e não será penteada. A outra parte, a que fica para fora da croça, é aquela que será penteada quando já todas as camadas tiverem sido montadas e a peça estiver concluída. Na

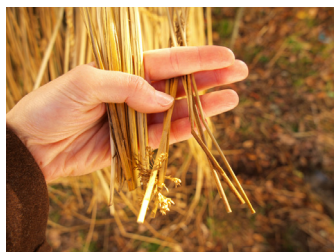


figura 20

figura 20 podem ver-se ambas as extremidades de uma mecha de juncos. Do lado esquerdo da figura estão as extremidades da mecha que correspondem à base dos juncos e que são aquelas que ficam voltadas para o exterior da croça. É a parte da planta que foi *delubada* e *massada* uns meses antes. A outra extremidade, do lado direito da figura, corresponde à flor do junco e ficará voltada para o interior da peça.

Quando se incorpora uma nova mecha de juncos, segurando-se a mesma com os dedos da mão esquerda (figuras 21 e 22), há que, em primeiro lugar, determinar o comprimento que a mesma deve ter na parte exterior da croça.



figura 21



figura 22

Este procedimento executa-se utilizando, como medida, a mecha que foi entrançada no ponto anterior (figuras 23, 24, 25, 26 e 27), garantindo-se, assim, que os juncos voltados para o exterior da peça terão um comprimento uniforme. Na incorporação de cada nova mecha, os pés dos juncos ficam voltados para cima e as flores dos juncos para baixo.









Ao se incorporar a primeira mecha, o saber fazer acumulado ao longo dos anos é determinante: o Sr. Constantino sabe exatamente que extensão dos juncos deve dobrar para o interior e para o exterior da peça. De seguida, e se necessário, retiram-se as cascas que alguns dos juncos possam ainda ter na sua base.



Na incorporação de uma nova mecha, esta é atada pelas duas porções de juncos que formam a corda, primeiro a da esquerda e, logo depois, a da direita, fazendo-se torcer, nesse movimento, cada uma em torno do seu próprio eixo. De seguida, faz-se passar a mecha que foi incorporada no ponto anterior por detrás desta última e para baixo, torcendo-a sobre si mesma e sobre a corda (figuras 28, 29, 30 e 31). Repete-se este gesto as vezes necessárias até se obter o número de pontos que se considera adequado para construir a peça.

Importa referir que à medida que os juncos que formam a corda se vão esgotando, há que juntar novos juncos. Faz-se esse acréscimo deixando sempre uma ponta de fora que terminado o trabalho se cortará.

Na figura 32 vê-se claramente a corda que é formada pelos dois conjuntos de juncos que

figuras 28, 29, 30 e 31

se situam mais à esquerda da imagem. No meio de ambos está a mecha que acabou de ser torcida para baixo. O gesto seguinte será o de adicionar uma nova mecha. E a próxima mecha a ser torcida para baixo será a que se vê nesta mesma figura, com os diversos junco-
cos direcionados para o canto superior direito da imagem.



figura 32

O Sr. Constantino faz sempre o cabeção com 51 pontos, embora esse número não seja obrigatório. O que importa é que seja ímpar. Des-
te modo, para cada lado ficarão 25 pontos e, o ponto 26, achado a partir de cada extremidade, é aquele que marca o meio a peça. É também no meio do cabeção que se coloca a tira que funcionará como o *gancho* da croça e que serve para a pendurar (figura 33). Enquanto se tece a primeira carreira, a contagem é feita com re-
gularidade para se ir confirmando o número de pontos já feitos(figuras 34 e 35).



figura 33



figuras 34 e 35



figura 36



figura 37

Depois de executados os 51 pontos, torcem-se, em torno do seu próprio eixo, os juncos que formam a corda (figura 36), como se fez no início do trabalho, um número de vezes suficiente para se poder fazer a casa para o botão da croça (figura 37).

De seguida, a corda vai começar a entrançar-se, novamente, em redor dos pontos que foram feitos anteriormente até se chegar ao outro extremo do cabeção, ou seja, ao botão da croça. O objetivo é que cada mecha fique presa pela corda. Assim, em cada mecha que se incorpora, fazem-se passar por cima da mesma os dois conjuntos de juncos que formam a corda, primeiro o da direita e, sobre este, o da esquerda, torcendo-se, nesse processo, esses conjuntos sobre o seu próprio eixo. A mecha seguinte a ser incluída faz-se passar por cima da corda que acabou de prender a mecha anterior. E assim sucessivamente até ao final da carreira (figuras 38, 39, 40, 41, 42, 43 e 44).







figura 44



figura 45

Quando se termina de executar as duas filas de pontos, isto é, do botão para a casa e da casa para o botão, o Sr. Constantino usa, por vezes, uma chave de fendas para juntar os pontos das duas filas, de modo a tornar a peça mais resistente ao desgaste provocado pelo uso (figura 45).



figura 46

A tarefa seguinte consiste em executar as cordas de segurança da croça. Essas cordas de segurança, que permitem manter a peça mais estável, são feitas segundo a mesma técnica utilizada para começar a tecer a croça, ou seja, fazendo rodar dois conjuntos de juncos sobre si mesmos, ao mesmo tempo que se enrolam um no outro (figura 46).



Como as cordas de segurança são executadas apenas com a parte dos juncos que estão voltados para o interior da croça, ou seja, com aqueles que formam o *pano* ou forro da peça, elas nunca são visíveis no exterior da croça, (figuras 47 e 48).



figuras 47 e 48

As cordas de segurança são sempre feitas começando-se das margens da peça para o centro. Na primeira carreira, entre cada corda de segurança que é feita, são deixados dois pontos (figura 49).



Contudo, entre a corda central, efetuada no ponto 26, e as cordas de segurança mais próximas de cada lado, são deixados três pontos (figuras 50). A sequência é, então, a seguinte:



corda – ponto – ponto – **corda** – ponto – pon-
to – **corda** – ponto – ponto – **corda** – ponto –
ponto – **corda** – ponto – ponto – **corda** – ponto
– ponto – **corda** – ponto – ponto – **corda** – pon-
to – ponto – ponto – **corda central** – ponto –
ponto – ponto – **corda** – ponto – ponto – **corda**
– ponto – ponto – **corda** – ponto – ponto – **cor-**
da – ponto – ponto – **corda** – ponto – ponto –
corda – ponto – ponto – **corda** – ponto – ponto
– **corda**.

A croça tem um total de 17 cordas de segurança. Embora de carreira para carreira se aumente o número de pontos, para a peça ganhar amplitude, o número de cordas de segurança mantém-se o mesmo, da primeira à última carreira, o que significa, também, que o número de pontos entre duas cordas de segurança vai aumentando de carreira para carreira.



figuras 51, 52 e 53

Se, na primeira carreira, em cada três pontos se faz uma corda de segurança (o que significa que entre duas cordas de segurança existem dois pontos), na segunda carreira, entre duas cordas de segurança, passam a existir três pontos (figuras 51, 52 e 53). A partir da terceira carreira, não há um número obrigatório de pontos que devam existir entre as cordas de segurança. Numa das peças feitas pelo Sr. Constantino, na terceira carreira, os pontos entre as cordas de segurança eram em número de quatro, na quarta carreira existiam seis pontos entre as cordas de segurança e, na quinta carreira, os pontos eram em número de sete. As variações que podem ocorrer a partir da terceira carreira resultam da maior ou menor espessura dos juncos que se utilizam. Assim sendo, se os juncos são delgados, é necessário aumentar mais o número de pontos; se são grossos, o aumento é menor.

A partir da segunda carreira, e nas carreiras seguintes, em cada ponto que se tece há que separar os juncos que formam o *pano* da croça daqueles que constituem a sua camada exterior (figuras 54 e 55). Apenas aqueles que formam o pano da croça serão trabalhados.

Tomando como exemplo a primeira carreira, e uma sequência de ponto-ponto-corda de segurança, depois de identificados e separados os juncos que formam o pano da croça há que, a partir dos dois pontos que existem entre as duas cordas de segurança, dividir os juncos em três conjuntos para fazer os três pontos da segunda carreira.

A técnica que se utiliza para tecer a segunda carreira é a mesma que é usada para construir a primeira carreira. Deste modo, aos juncos do primeiro conjunto, começa por se juntar uma mecha de juncos (ficando os pés dos juncos voltados para cima e as flores dos juncos para baixo). De seguida, torcem-se as duas porções de juncos que formam a corda – primeiro a da esquerda e depois a da direita sobre a da esquerda – fazendo-as passar por cima dos juncos correspondentes ao ponto do primeiro conjunto que se separou da primeira carreira e à mecha de juncos que se juntou a esse ponto.



figuras 54 e 55

Depois, faz-se passar a mecha do ponto imediatamente anterior (que é o ponto correspondente a uma das cordas de segurança), torcendo-a sobre si mesma, e por trás da mecha do ponto que se está a trabalhar, e fazendo-a descer (figuras 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63 e 64).



figuras 56, 57, 58, 59, 60 e 61



figuras 62, 63 e 64

Esta operação é repetida quer no segundo conjunto de juncos (figuras 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71 e 72), quer no terceiro conjunto de juncos (figuras 73, 74, 75, 76 e 77).



figuras 65, 66, 67, 68, 69 e 70



figuras 71 e 72



figuras 73, 74, 75 e 76







No ponto correspondente à corda de segurança, o procedimento é exatamente o mesmo, ou seja, começa por se separar os juncos que formam a corda de segurança daqueles que ficarão voltados para o exterior da peça. De seguida, à corda de segurança junta-se uma mecha de juncos e torcem-se as duas porções da corda - primeiro a da esquerda e depois a da direita sobre a da esquerda - por cima do conjunto de juncos formado pela corda de segurança e pela mecha de juncos que se lhe juntou. Finalmente, há que passar a mecha do ponto anterior torcendo-a sobre si mesma e por trás da mecha do ponto que se está a trabalhar, fazendo-a descer (figuras 78, 79, 80, 81, 82 e 83).



figuras 78, 79, 80, 81, 82 e 83

No decurso destas tarefas, se o tempo estiver muito seco, é necessário ir molhando os juncos com uma esponja para mais facilmente trabalhá-los (figura 84).



figura 84

No final de cada carreira é necessário fazer com que a corda que prende as mechas na *trança* não se desmanche. Isso consegue-se invertendo o sentido da corda no final da carreira e fazendo com que a mesma volte a percorrer as mechas de juncos, por um, dois ou três pontos. Depois, essa corda dilui-se entre a carreira correspondente e a carreira seguinte (figura 85).



figura 85

De cada vez que termina uma carreira, o Sr. Constantino corta as pontas dos juncos que foram sendo incorporados na *trança* (figura 86). Embora esta operação possa ser feita só depois de todas as carreiras da peça terem sido construídas, o Sr. Constantino prefere fazê-lo à medida que termina cada carreira, para evitar deixar todo este trabalho para o fim.



figura 86



figura 87

A croça é composta por dez carreiras e a cada uma delas corresponde uma camada (figuras 1 e 87). Numa das croças executadas pelo Sr. Constantino, as medidas das dez camadas da peça eram as seguintes

Primeira camada – 39 centímetros

Segunda camada – 8 centímetros

Terceira camada – 14 centímetros

Quarta camada – 15 centímetros

Quinta camada – 16 centímetros

Sexta camada – 7,5 centímetros

Sétima camada – 15 centímetros

Oitava camada – 15 centímetros

Nona camada – 16 centímetros

Décima camada – 16 centímetros

Observada do avesso, as medidas das dez camadas da peça em questão – medidas achadas no eixo da corda de segurança central – eram distintas:

Primeira camada – 8 centímetros

Segunda camada – 13 centímetros

Terceira camada – 14,5 centímetros

Quarta camada – 15 centímetros

Quinta camada – 8 centímetros

Sexta camada – 8 centímetros

Sétima camada – 13 centímetros

Oitava camada – 14 centímetros

Nona camada – 13,5 centímetros

Décima camada – 45 centímetros

Com uma altura de 8 centímetros, a sexta carreira, a carreira mais pequena em comprimento, é tecida entre a corda de segurança central e as duas cordas de segurança mais próximas



de cada um dos lados. O número de pontos entre a corda de segurança central e cada uma das outras duas é variável: podem ser nove ou 12 pontos. A sexta carreira é também chamada o *rabo da croça* (figuras 87, 88 e 89). O *rabo da croça* torna a peça mais ergonômica permitindo, a quem a usa, sentar-se com maior conforto.



figura 88



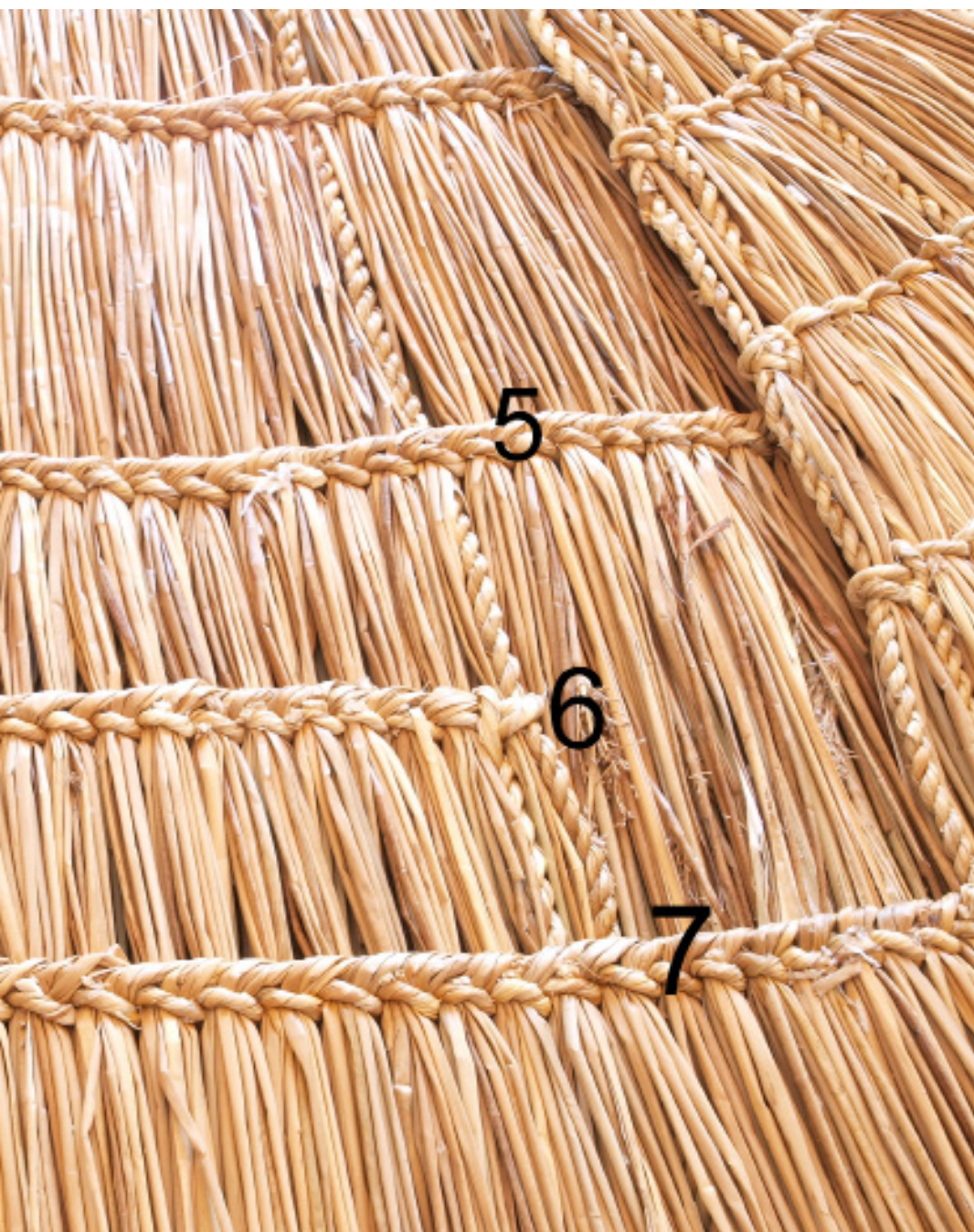




figura 90

As dez carreiras da croça organizam-se em duas partes que se fundem formando a peça: a parte superior da croça que protege o tronco (figura 90), as chamadas *abanetas*, e os *bacalhaus*, isto é, as cinco primeiras carreiras da parte interna da peça (figura 91)



figura 91

É na segunda carreira da peça que os *bacalhau*s, uma espécie de colete, têm o primeiro ponto de união com as *abanetas* (figura 92 e 93). Essa união é feita através de três cordas de segurança. Essas três cordas de segurança, uma central e as outras duas em cada extremidade (figuras 94, 95, 96 e 97), são o ponto de partida para cada um dos dois *bacalhau*s e prolongam-se a todo o comprimento dos mesmos.



figuras 92 e 93



O segundo ponto de união ocorre na sétima carreira quando se considera o conjunto da peça. Mas quando se consideram apenas os *bacalhaus*, essa ligação dá-se na quinta carreira.

Os pontos que são utilizados nas quatro primeiras carreiras dos *bacalhaus* são pontos mais simples e diferentes daqueles que são usados na restante peça. A cerca de 20 centímetros do ponto em que as três cordas de segurança se unem à segunda carreira das *abanetas*, começa-se a tecer a primeira carreira dos *bacalhaus*.

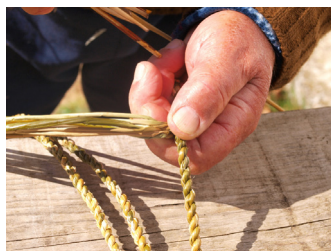
Na primeira carreira dos *bacalhaus* existe apenas um ponto entre a corda de segurança do meio e as cordas de segurança das extremidades. À corda de segurança do lado esquerdo começa por se juntar uma mecha de juncos, deixando os pés da planta voltados para cima e as flores dos juncos para baixo.

Depois, com uma corda igual à que se faz para iniciar a peça, ata-se esse ponto com as duas porções de juncos que formam essa corda, primeiro a da esquerda e, logo depois, a da direita, fazendo-se torcer, nesse movimento, cada uma em torno do seu próprio eixo. De seguida, faz-se baixar a mecha de juncos que se acabou

de incorporar. O passo seguinte consiste em juntar uma nova mecha a esse ponto acabado de se formar e repetir os passos anteriores até terminar esta carreira (figuras 98, 99, 100, 101 e 102).

Na primeira carreira dos *bacalhaus*, o comprimento dos juncos que depois ficarão voltados para fora deve ser aproximadamente de 1 metro. O objetivo é que esses juncos cubram todo o comprimento das primeiras cinco carreiras dos *bacalhaus*. Por essa razão, o Sr. Constantino escolhe sempre os juncos mais compridos de que dispõe para executar esta parte da peça.

No final da primeira carreira dos *bacalhaus* é necessário, tal como sucede em todas as carreiras da peça, fazer com que a corda que prende as mechas não se desmanche. Inverte-se, então, o sentido da mesma por um ponto e, de seguida, torce-se a mesma verticalmente diluindo-a entre a carreira correspondente e a carreira seguinte (figuras 103 e 104).



figuras 98, 99, 100, 101 e 102



figuras 103 e 104



figura 105

A segunda carreira dos *bacalhaus* é tecida a cerca de 8 centímetros da primeira. Nesta segunda carreira, é preciso fazer três pontos entre a corda de segurança central e as duas cordas de segurança laterais. Ao contrário do que sucede com os pontos mais complexos das *abanetas*, nestas primeiras quatro carreiras dos *bacalhaus*, não se faz a separação, de cada vez que se constrói uma nova carreira, entre os juncos destinados ao forro da peça e os juncos voltados para o exterior da peça. Deste modo, de um lado e do outro dos *bacalhaus*, vê-se o *pano* ou forro da croça (figura 105). O comprimento dos juncos que depois ficarão voltados para fora deve ser aproximadamente de 92 centímetros.

Na segunda carreira dos *bacalhaus* deve passar a haver três pontos entre a corda de segurança central e as cordas de segurança laterais. O processo de incorporação das mechas é exatamente igual ao da primeira carreira. Esta carreira (figuras 106, 107 e 108) é também aquela que leva um dos botões dos *bacalhaus*. O segundo botão será construído na quinta carreira dos *bacalhaus*. O processo de construção deste botão é o mesmo que é utilizado na primeira carreira da peça. No outro *bacalhau* será construída a casa correspondente a este botão.





Tal como acontece em todas as carreiras, o remate desta carreira é feito invertendo-se o sentido da corda por um ponto e, depois, torcendo-a verticalmente e diluindo-a entre a carreira correspondente e a carreira seguinte (figuras 109 e 110).



figuras 109 e 110

As figuras 111, 112, 113 e 114 mostram o remate em maior detalhe da terceira carreira de um dos *bacalhau*s.

Na terceira carreira, o comprimento dos juncos voltados para o exterior deve ser aproximadamente de 91 centímetros. Esta carreira é construída a nove centímetros da carreira anterior. Na quarta carreira dos *bacallhaus*, que é construída a 10 cen-

tímetros de distância da carreira anterior, o comprimento dos juncos que ficam para fora deve ser de 90 centímetros.

Na terceira, quarta, quinta, sexta, sétima e oitava carreiras existem, respetivamente, cinco, sete, nove, onze, treze e quinze pontos entre a corda de segurança do meio e as cordas de segurança das extremidades.

A parte dos *bacalhaus* correspondente às quatro primeiras carreiras é construída de forma independente do resto da croça. Depois, tudo se interliga.

Na quinta carreira dos *bacalhaus*, e sétima carreira da croça, se se considerar a totalidade da peça, passam a utilizar-se os pontos mais complexos que são usados nas cinco primeiras carreiras da croça, ou seja, nas *abanetas*.

Considere-se o interior da peça voltado para quem está a tecer a croça. Quando, na quinta carreira, se chega ao fim da extensão correspondente ao *bacalhau* da esquerda (o *bacalhau* que ficará sobre a parte direita do corpo de quem o usar) ou seja, à corda de segurança da sua extremidade direita, continua-se a entrançar mechas repetindo-se a operação até se chegar à corda de segurança da extremidade esquerda da sétima carreira, imediatamente abaixo da carreira do *rabo da croça*.



figuras 111, 112, 113 e 114





figura 115

A abertura entre o lado direito do *bacalhau* esquerdo e o início, do lado esquerdo, da carreira situada abaixo do *rabo da croça* é aquela onde vai entrar o braço direito de quem usar a peça.

Tecem-se, depois, os pontos da sétima carreira que ficam situados entre as duas cordas de segurança que ladeiam a corda de segurança central da peça e chega-se à outra abertura situada entre a corda de segurança do lado direito e a corda de segurança da extremidade esquerda do *bacalhau* da direita. É nesta abertura que irá entrar o braço esquerdo de quem usar a peça (figuras 89 e 115)



figuras 116 e 117

Nas figuras 116 e 117, pode ver-se a execução dos pontos da sétima carreira, situados entre a corda de segurança à direita da corda de segurança central e a corda de segurança da extremidade esquerda do *bacalhau* da direita. As figuras 118, 119, 120, 121, 122 e 123, mostram os primeiros pontos executados a partir do ponto correspondente à corda de segurança da extremidade esquerda do *bacalhau* da direita.



figuras 118, 119, 120, 121, 122 e 123



figuras 124, 125, 126 e 127

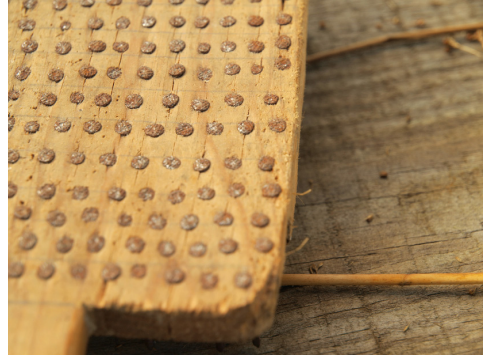
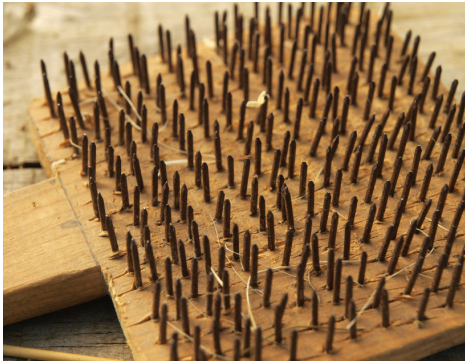
Nas figuras 124, 125, 126 e 127 pode observar-se a execução, na quinta carreira, da casa para o segundo botão do *bacalhau*. Os *bacalhaus* possuem dois botões com as respectivas casas (figura 128). Se contarmos com o botão (e casa) da primeira carreira da peça, temos um total de três botões na croça.



Quando toda a peça está tecida, é necessário pentear os juncos e cortá-los de modo a que as diversas camadas fiquem com um aspeto uniforme.



Os pentes de pregos, a fita métrica, a tesoura e a tábua de tabopan constituem os instrumentos e os equipamentos indispensáveis para a realização destas operações (figuras 129, 130, 131 e 132).



figuras 129 e 130



figura 131



Os dois pentes para pentear a croça foram feitos pelo Sr. Constantino. Um deles tem os pregos mais espaçados; o outro uma maior densidade de pregos. O primeiro é usado nas primeiras penteadelas; o segundo é utilizado para depois dar para um acabamento mais fino aos juncos. À medida que os pregos se degradam, o Sr. Constantino vai-os consertando, substituindo os pregos que se soltam ou partem.

A croça é colocada no chão, com o exterior voltado para cima (figura 133).



figura 133

Carreira a carreira, o Sr. Constantino vai separando as camadas interiores, o *pano* ou forro, das camadas exteriores da peça (figuras 134 e 135) com a ajuda da tábua de tabopan (figura 136). Penteia os juncos (figuras 137 e 138) e corta as pontas uniformizando as diversas camadas da croça (figuras 139, 140 e 141).

As croças que o Sr. Constantino faz já não são usadas pelos pastores. Os pastores da freguesia andam de Moto 4 e vestem impermeáveis.





figuras 135 e 36









figuras 140 e 141

Agora, as croças são compradas para serem usadas por ranchos folclóricos ou para servirem de decoração em restaurantes. Para além das croças, o Sr. Constantino também *tricota* polainas, vassouras e croças em miniatura (figuras 142 e 143) que são consumidas por urbanos em busca de expressões de autenticidade.



figura 142



figuras 143



